

Estatísticas Agrícolas

2016

**Decréscimos nos frutos, vinho, azeite, leite e ovos e aumentos nas carnes de bovino e aves**

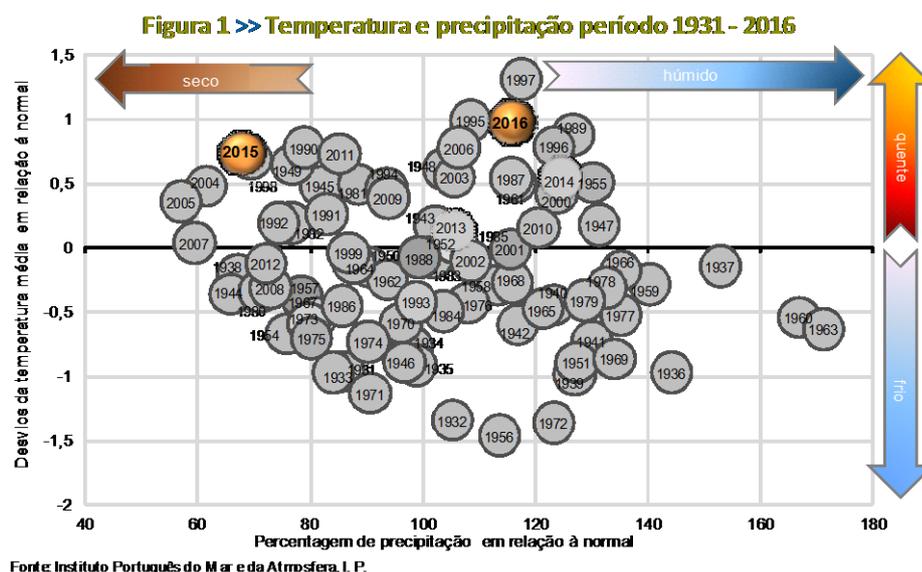
No ano agrícola 2015/2016 a produção vegetal foi afetada pelas condições climatéricas, com impactos nos preços à produção (índice de preços da produção vegetal aumentou 11,6%) e nas importações, nomeadamente do grupo “frutas, cascas de citrinos e de melões” cujo valor aumentou 21,9%. A atividade pecuária registou aumentos de produção das carnes de bovino (+2,3%) e aves (+4,9%) e decréscimos nas produções de leite (-4,4%) e ovos (-2,9%). No setor florestal, assinala-se a dimensão da área ardida, que mais do que duplicou face a 2015 (160,7 mil hectares), a maior desde os grandes incêndios de 2005.

O INE divulga neste destaque alguns dos principais resultados da publicação “Estatísticas Agrícolas 2016”.

Esta publicação está organizada em catorze capítulos temáticos que incorporam a análise de resultados e os respetivos quadros de informação ([Aceda aqui](#)).



**Ano agrícola 2015/2016 caracterizado por temperaturas médias do ar muito superiores ao normal para a generalidade dos meses, posicionando-se quanto à quantidade de precipitação entre um ano seco (2015 foi o sexto mais seco desde 1931 e o quarto desde 2000) e um ano considerado normal (2016).**



O ano agrícola de 2015/2016 foi marcado por temperaturas médias do ar muito superiores ao normal para a generalidade dos meses, com 2015 e 2016 a posicionarem-se como o 6º e 11º ano mais quente, respetivamente, desde 1931. O final de outono de 2015 foi bastante ameno (terceiro novembro mais quente das últimas duas décadas), tal como todo o inverno (o mais quente dos últimos 18 anos), o que, aliado à ocorrência de precipitação regular, permitiu a normal realização dos trabalhos agrícolas da época, designadamente a preparação dos terrenos para a instalação das culturas de outono/inverno e a poda das vinhas e pomares. No entanto, a falta de frio durante o inverno condicionou a diferenciação floral nos pomares (conversão dos gomos vegetativos em reprodutivos). Em contrapartida, a primavera de 2016 foi fria e extremamente chuvosa, sendo o décimo abril com registo de precipitação mais elevado desde 1931 e o maio mais chuvoso dos últimos 22 anos. Esta instabilidade meteorológica dificultou a entrada das máquinas nos terrenos para a instalação das culturas de primavera/verão e o corte de forragens, tendo também obrigado a uma intensificação dos tratamentos fitossanitários para combater as doenças criptogâmicas. Adicionalmente, a precipitação e o frio primaveris agravaram as condições de desenvolvimento dos pomares, tendo prejudicado a floração e vingamento dos frutos. O verão foi extremamente quente, com julho e agosto a atingirem os valores de temperatura máxima mais altos desde 1931, tendo-se observado alguns sintomas de *stress* hídrico nas culturas permanentes de sequeiro e dificuldades no abeberamento do gado.

**Condições climáticas afetaram as produções das culturas de primavera/verão, pomares, vinho e azeite.**

**Figura 2 >> Produção vegetal**

Portugal		Produção					2016/ média quinquenal	2016/2015
Culturas	Anos	2012	2013	2014	2015	2016	%	
		t						
Milho		848 665	929 538	896 994	827 544	710 634	84	86
Arroz		187 028	180 155	167 322	184 918	169 289	95	92
Tomate		1298 902	1089 501	1310 366	1832 467	1598 398	112	87
Maçã		220 761	287 314	273 721	324 994	241611	90	74
Pera		116 287	202 483	210 009	141 186	137 805	85	98
Pêssego		30 157	22 839	41053	46 899	32 347	93	69
Cereja		10 416	10 776	10 577	17 714	7 362	65	42
Kiwi		20 545	21306	18 150	28 331	21075	96	74
Vinho (a)		6 177 795	6 076 993	6 030 581	6 866 998	5 839 513	94	85
Azeite (a)		645 379	999 853	665 325	1190 523	757 373	89	64

Fonte: INE I. P., Estatísticas da Produção Vegetal, Inquérito Anual à Produção de Azeite; Instituto da Vinha e do Vinho, I. P.

Nota: a produção de azeite corresponde à iniciada no ano agrícola indicado e continuada no ano seguinte.

(a) Produção - unidade: hl

Na campanha 2015/2016, e não obstante a área semeada de cereais de outono/inverno (cerca de 140 mil hectares) ter sido a mais baixa desde que há registos estatísticos, a disponibilidade hídrica ocorrida na primavera favoreceu o desenvolvimento vegetativo das searas, promovendo a formação das espigas e o enchimento do grão, alcançando as produtividades mais elevadas desde 2008.

Em contrapartida verificou-se um decréscimo de produção nos pomares, devido à fraca diferenciação floral, ao deficiente vingamento, à ocorrência de doenças criptogâmicas e ao atraso na maturação dos frutos. Como resultado, o valor das importações do grupo de produtos agrícolas "Frutas; cascas de citrinos e de melões" registou um acentuado aumento em 2016 (correspondente a +21,9%), atingindo os 675,5 milhões de euros (+121,6 milhões de euros face a 2015) passando de 5.º principal grupo importado em 2015 no âmbito dos "Produtos agrícolas e agroalimentares" (exceto bebidas) para 3º em 2016 (peso de 9,3%, +1,4 p.p. face a 2015).

Índice de preços da produção vegetal aumentou 11,6%.

Variações positivas de maior amplitude ocorreram na batata (64,6%), frutos (15,7%) e hortícolas frescos (11,3%).

A vindima decorreu sem problemas e concentrada no tempo mas a produção diminuiu 15% face a 2015, essencialmente devido à ocorrência de acidentes fisiológicos e aos fortes ataques de doenças criptogâmicas, em especial de míldio. As maturações evoluíram favoravelmente, aumentando o teor de açúcar (e consequentemente o grau) e diminuindo a acidez fixa, pelo que, de um modo geral, a qualidade dos vinhos produzidos foi boa.

Nos olivais a floração foi promissora mas a primavera chuvosa afetou o vingamento dos frutos, originando uma carga de azeitona inferior à esperada. Esta situação foi mais evidente nas variedades tradicionais, predominantes nos olivais de sequeiro, verificando-se uma diminuição global da produção de azeite de 36,4% face à campanha anterior. De referir que a qualidade da azeitona rececionada nos lagares de azeite foi boa, muito contribuindo para este facto a baixa pressão dos principais problemas fitossanitários desta cultura (mosca da azeitona e gafa).

#### **Previsões 2017:**

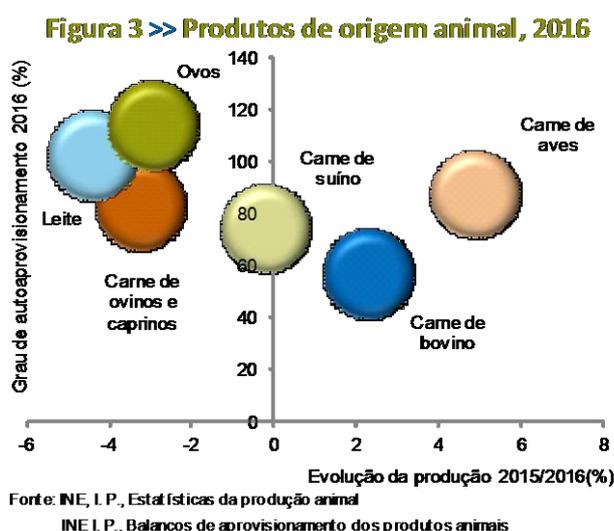
No final de maio de 2017, as previsões apontam para um bom ano nas fruteiras, estimando-se um considerável aumento da produtividade da cereja face à campanha passada (a pior da última década), devendo ultrapassar as 3 t/ha. No pêssigo também são esperados aumentos nos rendimentos unitários (+15%). Em contrapartida, nos cereais de outono/inverno, e devido às elevadas temperaturas e falta de humidade do solo nas fases de floração e início de formação do grão, as previsões apontam para decréscimos generalizados das produtividades.

Para as culturas de primavera/verão, excetuando a batata de regadio (que deverá aumentar a área plantada em cerca de mil hectares) e o tomate para a indústria (com sensivelmente a mesma área contratada da campanha passada), observam-se diminuições nas áreas, nomeadamente no milho (-5%, resultado da manutenção dos baixos preços de mercado e da menor disponibilidade de água de rega), no arroz (-5%, também devido aos baixos níveis de armazenamento de água nas albufeiras) e no girassol (-10%).

## Produtos de origem animal em 2016: aumento da produção de carne e redução de ovos e leite

A pecuária em 2016 apresentou uma produção total de carne superior em 1,8% (+5,0% em 2015), promovida pelos aumentos de produção das carnes de bovino e de aves de capoeira. Neste período o consumo de carne revelou idêntica tendência, mas de menor magnitude (+0,8%), o que permitiu melhorar o grau de autoaprovisionamento em quase 3 p.p, fixando-se em 77,8%.

A produção de carne de bovino aumentou 2,3%, tendo atingido as 91 mil toneladas (89 mil toneladas em 2015), devido quer ao aumento do abate de vitelos quer de adultos, este último suportado pelo forte aumento do abate de fêmeas leiteiras, devido à conjuntura relacionada com o fim das quotas na produção de leite de vaca e o estabelecimento de contratos com quantidades máximas de entregas, o que levou muitos produtores a reduzir o seu efetivo.



Índice de preços da produção animal diminuiu 5,7%.

Os produtos que mais contribuíram para esse decréscimo foram os ovos (-17,1%), as aves (-10,9%) e o leite em natureza (-6,6%).

A produção de carne de suíno (400 mil toneladas) manteve-se praticamente inalterada em relação a 2015 (-0,2%), com uma diminuição do consumo de 2,8%. A produção de carne de ovino reduziu-se em 3,0% e a de caprino em 5,3%, comparativamente a 2015.

A produção de carne de animais de capoeira aumentou 4,9%, em resultado dos aumentos de produção de frango (+4,6%), peru (+2,1%) e pato (+4,6%). O consumo acompanhou a evolução da produção e aumentou 4,4%.

A produção bruta de ovos de galinha (134 mil toneladas) teve um decréscimo global de 2,9%. A produção de ovos para consumo (111 mil toneladas) acabou por diminuir 3,3% relativamente a 2015, invertendo a tendência de crescimento iniciada após a reconversão do sistema de produção em gaiolas. A produção de ovos para incubação foi de 23 mil toneladas, o que representou uma variação de -0,7%.

Em 2016 a produção total de leite apresentou, em termos globais, uma variação de -4,4%. A produção de leite de vaca, atingindo cerca de 1 865 milhões de litros, decresceu 4,5% face a 2015. Contribuíram para este resultado a definição de novos contratos de compra/venda entre os produtores e os compradores de leite, que estabeleceram quantidades de entregas bastante inferiores às de 2015, bem como os apoios comunitários à redução da produção de leite.

A informação disponível para 2017 (período de janeiro a abril) mostra as seguintes tendências, quando comparada com o período homólogo de 2016:

### **Abates**

O volume total de abate de gado apresenta um decréscimo global de 9%, resultante do menor volume registado para as quatro principais espécies: suínos (-9,4%), bovinos (-7,0%), ovinos (-6,7%) e caprinos (-4,1%). Pelo contrário, o volume total de aves e coelhos abatidos regista um ligeiro aumento de 1,0%, devido a um maior abate de galináceos (+0,2%) que inclui o frango (+1,4%) e também de perus (+13,3%). O abate de patos, codornizes e coelhos regista decréscimos de 3,9%, 8,6% e 19,9%, respetivamente.

### **Aves e ovos**

O número de aves do dia mostra um crescimento de 5,0% e a produção de frango para abate um volume superior em 10,2%. A produção de ovos de galinha para consumo mostra uma tendência negativa em relação ao período homólogo (-0,9%), enquanto o volume de ovos para incubação regista um aumento de 3,0%.

### **Leite de vaca e produtos lácteos**

Em 2017 a recolha de leite de vaca apresenta, para o acumulado em análise, um decréscimo de 2,0% em relação a 2016.

Igual tendência se verifica relativamente ao total de produtos lácteos (-2,5%), com menores volumes de leite para consumo (-2,5%), leite em pó (-3,4%), manteiga (-8,1%) e leites acidificados (-4,0%). Em contrapartida, a nata para consumo apresenta um aumento de 5,6% e o queijo de vaca praticamente uma manutenção da produção (+0,3%).

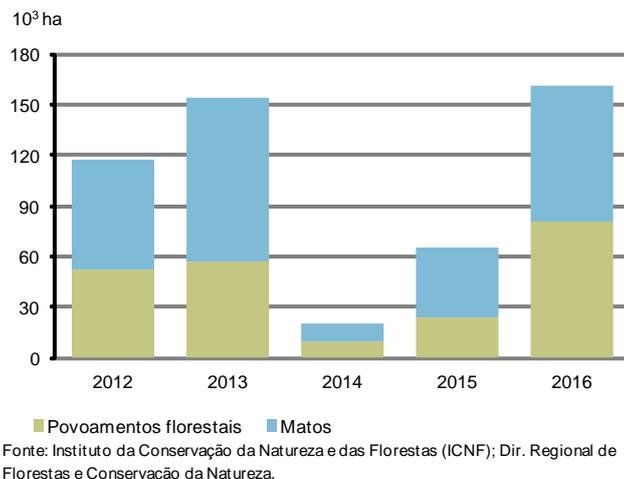
### **Área ardida em 2016 mais do que duplicou face a 2015 e foi superior em 55% relativamente à média do quinquénio 2012-2016**

De acordo com os inventários florestais (do Continente, da R.A. Açores e da R.A. Madeira), a área de floresta contabiliza cerca de 3 260 mil hectares a nível nacional, dos quais 2 986 mil hectares (cerca de 92%) correspondem a povoamentos florestais.

O saldo da balança comercial dos "Produtos do setor florestal", tradicionalmente excedentário, totalizou 2,5 mil milhões de euros em 2016. Este resultado correspondeu a uma redução do excedente em 76,7 milhões de euros face ao ano anterior, tendo esta evolução desfavorável ficado a dever-se a um aumento das importações (+68,2 milhões de euros), associado a uma redução nas exportações deste tipo de produtos (-8,5 milhões de euros).

No período 2012-2016 a área florestal ardida revela uma grande variabilidade, muito relacionada com as condições meteorológicas, destacando-se os anos 2013 e 2016, claramente acima da média registada no quinquénio em análise (103 mil hectares ardidos). A distribuição da área ardida por tipo de ocupação do solo mostra que os incêndios florestais consomem mais áreas de matos do que povoamentos (em média 57% de matos e 43% de povoamentos no período em análise). Neste período, o ano 2016 foi aquele em que ardeu maior área de povoamentos florestais, correspondendo a 50,3% da área total ardida nesse ano.

**Figura 4 >> Área ardida em Portugal**



As condições meteorológicas de 2016 facilitaram a propagação dos incêndios florestais, tendo nos meses de verão (julho, agosto e setembro) o estado de alerta amarelo e laranja de risco de incêndio ocorrido em 41 dias deste período. A área florestal ardida em Portugal<sup>1</sup> mais que duplicou face a 2015, totalizando 160,7 mil hectares. A área ardida por ocorrência de incêndio mais que triplicou, atingindo uma média de 12,3 ha por ocorrência de incêndio (4,1 ha em 2015).

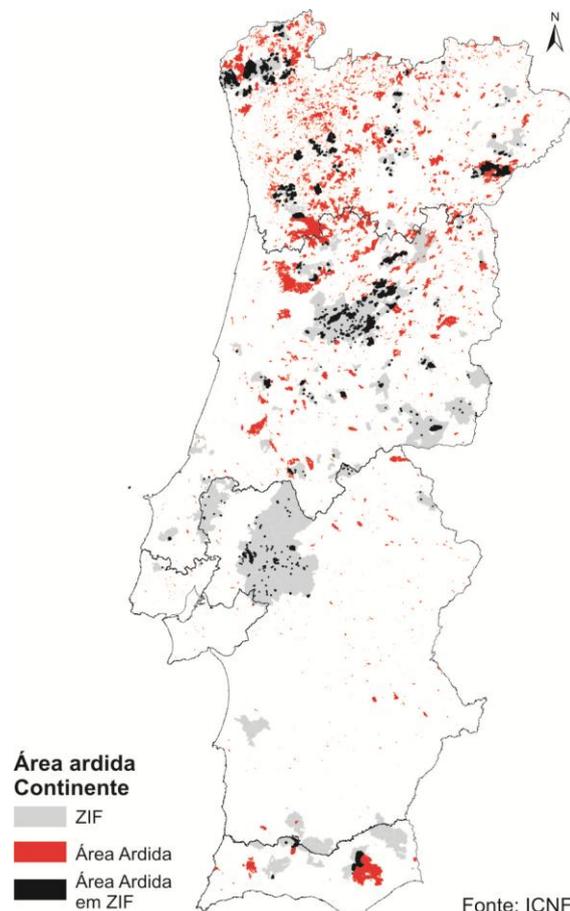
**Figura 5 >> Área Ardida no Continente de 2012 a 2016**

**Continente**

Ano	Área de espaços florestais fora das ZIF			Área de espaços florestais em ZIF		
	Total	Área Ardida	Taxa de incidência	Total	Área Ardida	Taxa de incidência
	ha	ha	%	ha	ha	%
2012	5 332 018	98 843	1,9	676 010	11389	1,7
2013	5 331 578	441 696	2,7	676 451	11055	1,6
2014	5 329 713	18 190	0,3	678 316	1740	0,3
2015	5 282 809	58 747	1,1	725 219	5 697	0,8
2016 Po	5 264 000	134 646	2,6	744 028	19 749	2,7

Fonte: Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF)

Tendo em conta os cerca de 6 milhões de hectares de espaços florestais do Continente, constata-se que a taxa de incidência da área de espaços florestais ardida dentro e fora das ZIF no quinquénio em análise é relativamente próxima.



<sup>1</sup> Plano Nacional de Defesa da Floresta Contra Incêndios (PNDFCI) Estatísticas Agrícolas - 2016

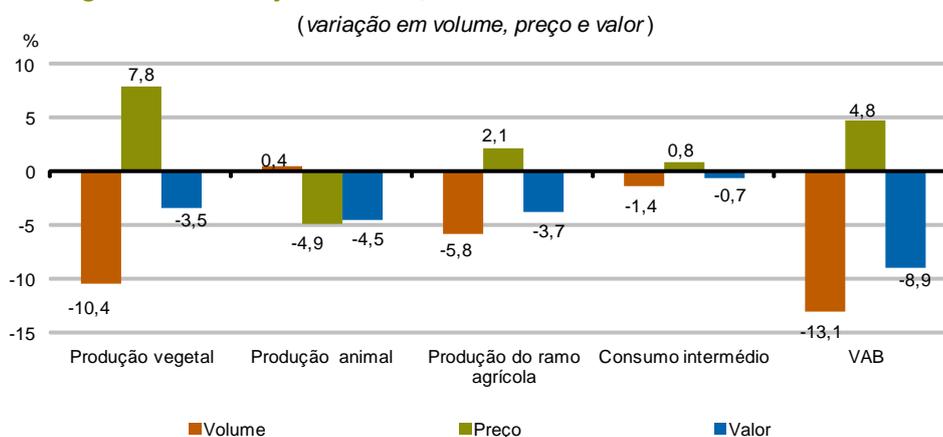
A informação disponível para 2017 (1 de janeiro a 22 de junho) aponta para uma área ardida de 55 mil hectares de floresta, dos quais 9,8% em zonas de intervenção florestal (ZIF) e apenas 0,3% em Áreas Protegidas (RNAP). De referir que desde janeiro a área ardida é próxima da ocorrida em todo o ano de 2015.

### Rendimento da Atividade Agrícola aumentou 12,9% em 2016

A segunda estimativa das Contas Económicas da Agricultura (CEA) para 2016, elaborada com dados disponíveis até 31 janeiro 2017<sup>2</sup>, aponta para uma diminuição da Produção do ramo agrícola em termos nominais (variação de -3,5%) resultado, essencialmente, do decréscimo em volume (-5,8%), uma vez que os preços registaram um aumento (+2,1%). O Consumo intermédio apresentou um decréscimo mais moderado (-0,7%), como resultado de uma diminuição em volume (-1,4%) e de um aumento dos preços (+0,8%). A evolução do VAB foi negativa, estimando-se em termos reais uma contração de 13,1%.

Ainda assim, em consequência do aumento de 71,2% dos Outros subsídios à produção e do decréscimo do Volume de mão-de-obra agrícola (-6,5%), que mais do que compensaram o decréscimo nominal de 8,9% do Valor Acrescentado Bruto (VAB), o Rendimento da atividade agrícola, por unidade de trabalho ano (UTA) cresceu 12,9% em termos reais, em relação a 2015, após um crescimento de 2,9% nesse ano.

Figura 6 >> Produção do ramo, Consumo intermédio e VAB em 2016



Fonte: INE, I. P., Contas Económicas da Agricultura

<sup>2</sup> O Regulamento (CE) N.º 138 / 2004 das Contas Económicas da Agricultura prevê, no calendário de reporte de informação ao Eurostat, o envio da segunda estimativa em janeiro do ano seguinte ao ano de referência. Nessa medida, os dados divulgados (reportados em janeiro de 2017) não apresentam um caráter definitivo.

Ficha técnica de execução:

**Rendimento da Atividade Agrícola por Unidade de Trabalho Ano (UTA):** A variação anual do Rendimento da Atividade Agrícola corresponde ao "Indicador A" (Variação anual, em %, do Rendimento dos fatores, deflacionado, por Volume de mão-de-obra agrícola total). Foi determinado com base em informação disponível até 31 de janeiro de 2014.

$$\text{Indicador A} = \frac{[(\text{Rendimento de Fatores ano } n / \text{deflator do PIB}) / \text{VMOA ano } n]}{(\text{Rendimento de Fatores ano } n-1 / \text{VMOA ano } n-1)} = \frac{[(2641,9 / 101,8 \times 100) / 239,31]}{(2458,12 / 255,83)} \times 100 - 100 = \mathbf{12,9\%}$$

**Unidade de Trabalho Ano (UTA):** O volume de mão-de-obra agrícola equivale ao trabalho efetivamente aplicado na produção de produtos agrícolas e das atividades não agrícolas não separáveis das unidades agrícolas que compõem o Ramo. Por definição, pode ser dividido em Assalariado e Não Assalariado e é expresso em unidades trabalho ano (UTA). A UTA corresponde à prestação, medida em tempo de trabalho, de uma pessoa que efetua, a tempo inteiro e durante todo o ano, atividades agrícolas numa unidade agrícola.

Os **índices de preços na agricultura** medem a variação temporal dos preços de um conjunto de bens e serviços representativos na atividade agrícola. O índice utilizado é do tipo *Laspeyres*, em que a base é fixa e as estruturas de representatividade dos produtos e dos meios de produção se mantêm por um período de tempo, normalmente alguns anos, sendo alteradas em cada mudança de ano base.

Os **povoamentos florestais** são áreas ocupadas por um conjunto de árvores florestais crescendo num dado local, suficientemente homogêneas na composição específica, estrutura, idade, crescimento ou vigor, e cuja percentagem de coberto é no mínimo de 10%, que ocupa uma área no mínimo de 0,5 ha e largura não inferior a 20m.

As **zonas de intervenção florestal (ZIF)** são espaços florestais contínuos, submetidos a um plano de intervenção com caráter vinculativo geridos por uma única entidade. São prioritariamente aplicadas às zonas percorridas pelos incêndios florestais.

O **incêndio florestal** é uma combustão não limitada no tempo nem no espaço e que atinge uma área florestal.

A informação relativa ao **comércio internacional dos "Produtos do setor florestal"** tem por base a Nomenclatura Combinada (NC) e a agregação de acordo com os grupos de produtos associados às divisões da NC (Capítulos 13, 14, 38, 44 a 49 e 94).